



**III CONGRESSO INTERNACIONAL
ENSINO MÉDIO E EDUCAÇÃO INTEGRAL NA AMÉRICA LATINA**

Cenários e Desafios Contemporâneos

18 e 19 de Novembro Evento totalmente online

UNISC **Curriculo, Memórias e Narrativas** **EDUCAÇÃO** **SOBRE O SONO DO BOM PÉDIO**

A ESCUTA COMO ESTRATÉGIA POLÍTICA POR UMA EDUCAÇÃO MAIS DEMOCRÁTICA: O QUE PODE A PSICANÁLISE NA ESCOLA?

Deise Gabriela Bays

Diante do quadro de desvalorização e sofrimento que tem se observado na escola, recrudescido em grande medida pelas consequências da pandemia, abundam tentativas de lançar luz sobre os problemas na Educação, explicar suas causas e propor alternativas. Este trabalho apresenta uma elaboração teórica na qual sustento que a incorporação de estratégias de escuta na escola converge com os esforços das teorias por uma educação democrática que visa responder a esses anseios. Para tanto, estabeleço uma aproximação entre Psicanálise e Educação.

A problematização da escuta no âmbito da educação está presente em propostas pedagógicas participativas, como a de Loris Malaguzzi e Paulo Freire. Malaguzzi inaugurou na Itália, na década de 60, uma abordagem centrada na valorização da livre expressão da criança, e de seu protagonismo no próprio processo de desenvolvimento e aprendizagem (Hoyuelos, 2004). Freire, por meio de sua reconhecida obra, na década de 80, difundiu uma educação emancipatória e libertadora que vê a criança como ser potente, dotado de curiosidade, criatividade e outros tantos recursos fundantes da produção de conhecimentos (Da Silva, 2023). Em ambas as perspectivas, por valorizarem a história que constitui cada criança e os saberes que porta, a escuta tem lugar primordial.

Ao pioneirismo de Freire e Malaguzzi perfilam-se, atualmente, profusos discursos que criticam as estratégias neoliberais difundidas na lógica educacional brasileira e os modelos meritocráticos de auferir resultados no âmbito do desempenho escolar e profissional. Dentre eles, destaco os trabalhos de Bernard Charlot, Gerd Biesta e Christian Laval.

Em “Educação ou Barbárie” (2021) Charlot denuncia a “falta de pedagogias contemporâneas que dêem conta da Educação”, a carência de fundamentos antropológicos que as sustentem e sua submissão aos compromissos produtivistas do mercado. Na medida em que classifica a não consideração do outro como barbárie e que reconhece na internet e nas redes sociais formas novas e capilares desta barbárie, Charlot (2021) aponta para uma crise da formação humana.

Seguindo direção semelhante, Biesta (2021) localiza a crise da Educação em relação a dois de seus principais domínios: a qualificação e a socialização. A sociedade capitalista encomenda um determinado tipo de qualificação, que atenda suas necessidades, e uma determinada forma de socialização, que não comprometa seus fins. Nesse entremeio, a fim que a educação não se reduza a uma função sociológica do mercado, é preciso redimensionar essas forças investindo no terceiro e principal domínio educacional, a subjetivação. Através da subjetivação é possível oferecer aos estudantes a possibilidade de se constituírem como um “eu”, que sejam sujeitos por seu próprio direito. Ser sujeito da própria vida é algo distinto de ser objeto dos desejos e vontades de outras pessoas. Por isso, segundo Biesta, é na dimensão da subjetivação, que emerge a democracia.

Em “Educação democrática” (2023), Christian Laval e Francis Vergne definem a democracia como a capacidade de refletir sobre a manutenção ou não das instituições que estruturam a sociedade. Ou seja, a democracia equivaleria ao poder instituinte dos cidadãos e uma sociedade democrática seria aquela assentada sobre o princípio do autogoverno. A Educação tem um papel fundamental nesse processo porque subsidia os jovens para uma conduta ativa em relação à formulação de regras, discussão e tomada de decisões, propiciando uma ambiência para a formação de “mentalidades democráticas”.

Na face política há um ponto de contato entre a preocupação com a centralidade do humano na Educação, como quer Charlot, o reconhecimento do valor da escola como espaço de subjetivação, como propõe Biesta, o compromisso com uma formação mais democrática, como defende Laval, e a questão da escuta. A problematização da escuta ganha contornos políticos quando pensamos sobre as razões que levam certas vozes a serem menos ouvidas do que outras, ou, desde outra perspectiva, o que faz com que alguns grupos sejam mais afeitos a escuta do que outros. Trata-se de tomar a questão em suas nuances coletivas e reconhecer que há determinantes socioeconômicos e culturais daquilo que se está disposto a ouvir, de quem se está disposto a ouvir, e da própria disposição dos

que ouvem. Na dinâmica entre o que ecoa e o que é silenciado atravessam-se injustiças econômicas e culturais que não podem ser negligenciadas.

Sob o aspecto da promoção da justiça social econômica e cultural, pode-se legitimamente questionar: qual seria o potencial transformador da escuta? A mera emissão da fala não confere ao outro efetivo lugar de participação em qualquer foro de discussão que seja. Para que quem fala seja reconhecido como sujeito de fala, é preciso que alguém o escute, o compreenda. Não basta que sua voz tenha a textura da palavra, como quer Dunker (2018), mas que esta palavra encontre audibilidade. É neste ponto que acreditamos que a escuta se converte em estratégia política por uma educação democrática. Ela subjetiva enquanto promove o reconhecimento daquele que fala como quem fala e é ouvido. Ela transcende o movimento primário que pretende estabelecer equivalência entre os emissores por ocasião de sua manifestação, ao reivindicar disponibilidade no destino, no ponto final daquilo que se diz, qual seja, a quem se diz. Assim, a escuta faz valer seu valor como estratégia de reconhecimento do outro.

Psicanalistas são especialistas da escuta inconsciente. Estão sempre na espreita daquilo que está para além do conhecido. A despeito da expertise psicanalítica, da qual não é necessário prescindir, para que tenhamos uma escola efetivamente “escutadora”, em que a escuta esteja radicada em todos os seus poros, não se pode restringi-la à competência dos especialistas. “Uma escola escutadora é uma escola na qual há tempo para nomear o sofrimento e onde ele pode ser reconhecido antes de ser patologizado e encaminhado para algum especialista” (Dunker, 2023). A escuta precisa estar incorporada aos valores da instituição, aos princípios daquilo que se acredita inegociável para uma educação qualificada, comprometida com a formação de sujeitos críticos e conscientes.

Por esta razão, a contribuição que a Psicanálise presta à Educação deve se estabelecer em um nível simétrico e colaborativo de quem compartilha algo em comum. Na perspectiva de Freud (1937), a Psicanálise se aproxima da Educação, na medida em que ambas se ocupam de tarefas impossíveis. Obviamente, não no sentido de sua impossibilidade enquanto acontecimento; da inviabilidade de se realizar a escuta inconsciente ou promover a formação dos indivíduos. O caráter limitado dessas práticas, está precisamente em que elas nunca se completam. Não se esgota a escuta inconsciente porque ela é sempre uma escuta parcial. Do mesmo modo, a (con) formação nunca é integral porque não se consegue a plena adequação do indivíduo às normas sociais.

Ante o impossível que é alcançar a totalidade de seus objetivos e mirando estimativas realísticas quanto ao que se pode então realizar, Psicanálise e Educação,

celebram um pacto de duplo sentido. A Psicanálise sustenta com a Educação o lugar da insuficiência ao mesmo tempo em que se lança a ela como crítica e se incumbe de desestruturar suas certezas.

Palavras-chave: Psicanálise, Educação, Escuta, Democracia

REFERÊNCIAS

HOYUELOS, Alfredo. Reggio Emilia y la pedagogía de Loris Malaguzzi. *Revista Novedades Educativas*, v. 54, n. 11, 2004.

DA SILVA, Marta Regina Paulo et al. A escuta na educação infantil: um diálogo com paulo freire e loris malaguzzi. *Revista Inter-Ação*, v. 48, n. 2, p. 488-503, 2023

BIESTA, Gert. Reconquistando o coração democrático da educação. *Educação Unisinos*, v. 25, n. 1, p. 1-7, 2021.

CHARLOT, Bernard. *Educação ou barbárie*. Youtube: canal da Fundação Liberato, 11 de agosto de 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qVfBL0vO9Ds>.

DUNKER, Christian. A escola escutadora e a escola de escutadores, *Cult*, julho de 2023. Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/escola-escutadora/>.

LAVAL, Christian; VERGNE, Francis. *Educação democrática: a revolução escolar iminente*. Petrópolis: Vozes, 2023.

FREUD, Sigmund (1937). *Análise terminável e interminável*. In *Obra Completas volume 18*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SAFATLE, Vladimir; DA SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Autêntica Editora, 2021.

RAVANELLO, Tiago; DUNKER, Christian Ingo Lenz; BEIVIDAS, Waldir. Para uma concepção discursiva dos afetos: Lacan e a semiótica tensiva. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 38, p. 172-185, 2018